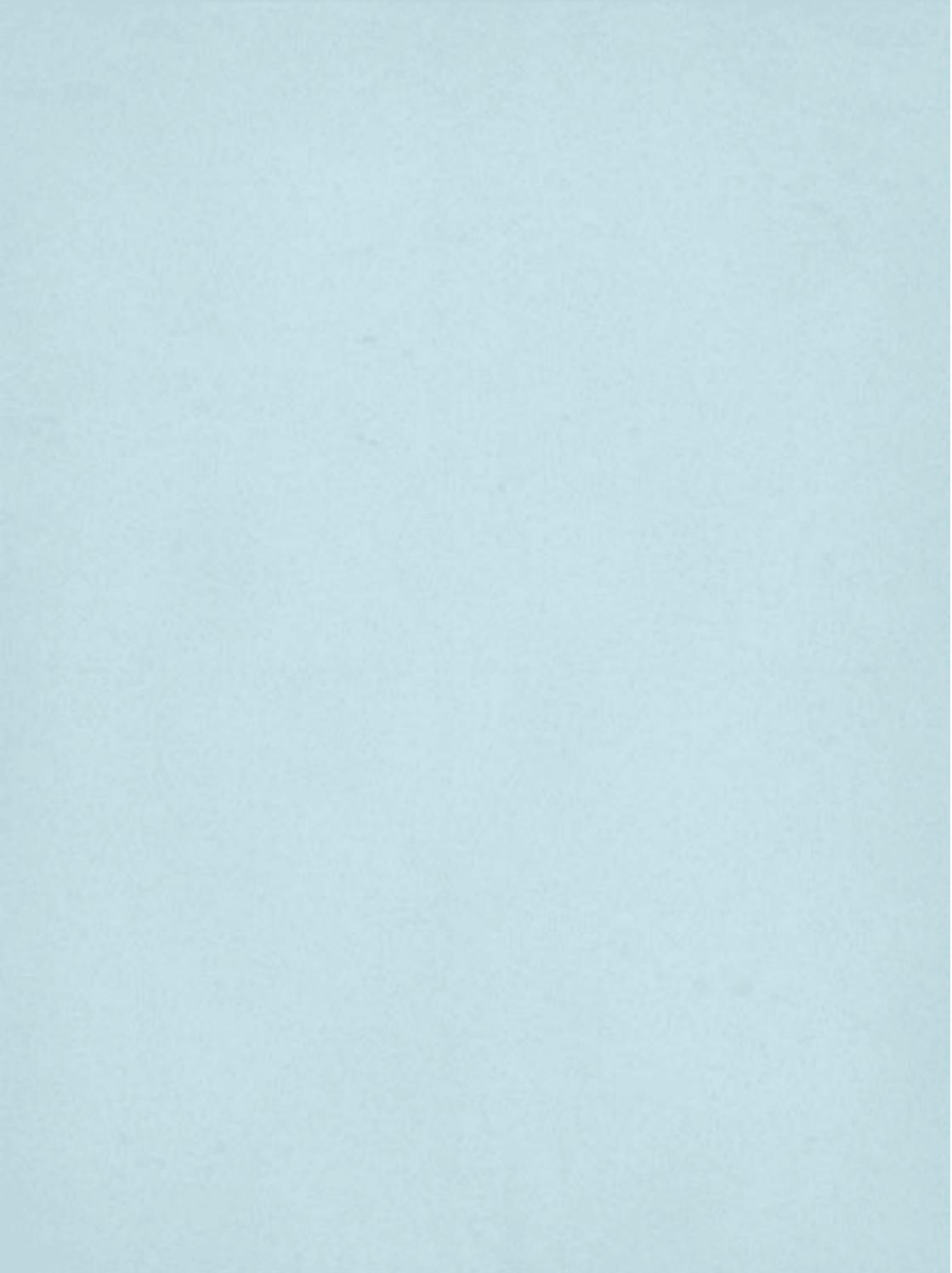


# Poemas





Nunca encontrei a felicidade dormindo; A memória se recusa sempre a morrer, E votei minha alma ao secreto mistério, Para viver e suspirar de esperança e nostalgia. Nunca encontrei o repouso dormindo; Pois as sombras dos mortos, Que meus olhos acordados nunca saberia distinguir, Assaltam minha cabeceira. Nunca encontrei a esperança dormindo: No mais intenso da minha noite, eu os vejo chegar, E estender sobre as paredes de profundas trevas O mais espesso véu do seu triste cortejo. Nunca encontrei a coragem dormindo. Onde eu teria podido

arrancar um força nova; Mas o mar em que vago é  
batido pelas tempestades, E a onda é mais negra.  
Nunca encontrei a amizade dormindo, Para acalmar a  
dor e me ajudar a sofrer; Os olhares da noite são  
pejados de desprezo E me deixam abandonada ao meu  
desespero. Nunca encontrei o desejo dormindo Para  
atiçar o fogo morto do meu coração. Meu único desejo  
é atingir o esquecimento E o sono eterno em que  
mergulha a morte. 01\_vector bird



“O inverno com seu vento alto e fero, Minha criança,  
veio pra mais perto. Esqueça os livros e as  
brincaderinhas E, enquanto o céu recolhe-se cor  
cinza, Falemos por horas e horas ainda; – “lërne,  
próxima à entrada do abrigo, Chama por Novembro  
sem nenhum ruído; Brisa alguma que entrar aqui  
alcança Ondular os cachos de minha criança, E eu me  
honro em assistir a luz brilhar, Raios mímicos, vinda  
de seu olhar, Para que eu sinta, apertada um  
pouquinho, Sua calma em meu peito de mansinho.  
Porém ainda, ainda este sossego Traz-me  
pensamentos amargos, negros; E, na luz jovial de

uma fogueira, Penso na neve em áreas muito estreitas; Sonho co'um mouro numa colina e névoas Onde a manhã vem fria, fria e trevas; Pois, a sós, junto a picos congelados, Jazem os que amei em tempos passados. E meu coração dói sem esperança, Cansado dos lamentos sem usança De que eu ainda iria reencontrá-los!" "Pai, em remota infância, Quando estavas além, além do mar, Pensar assim – assim me excruciar! Com frequência sentei, horas e horas, Por longas noites de atmosfera irosa, De pé da cama só pra divisar O céu contra a escuridão do luar; Ou, à escuta, capturar o choque De pedra e rocha, rocha e pedra, o que Só me mantinha em temeroso zelo Que me impedia o sono, por mantê-lo. "Oh! não por eles nós nos afligimos, Os túmulos sombrios – e vazios: O pó de um e o pó de outro estão unidos – Seus espíritos, a Deus conduzidos! Tu me disseste isto e ainda vês, Choras que quem amamos vai morrer. Ah, querido pai, dize-me: por quê? Pois se tuas palavras não mentiam, Sem razão é sofrer essa agonia; Sábio é chorar sementes germinadas Pelas árvores-mãe ignoradas, Prontas para um nascimento radiante – Enraizadas

as raízes, grande O fulgor de seus ramos, verdejante!  
“Mas não temo, meu pranto não derramo Por estes  
que em paz estão descansando, – Sei que existe uma  
praia abençoada E a mim existem portas descerradas;  
E, fixa em águas do Tempo tamanhas, Canso-me  
destas terras santas Onde nascemos, onde eu e você  
Vamos estar bem, logo após morrer; Livres da  
corrupção e do infortúnio, Juntos a Deus, juntos.”  
“Falaste afinal, ó doce criança!, E mais sábia que teu  
pai; E as tormentas do mundo, em raiva e raiva,  
Fortificarão tua ânsia – Tua esperança ardente, além  
do tempo, Além do vendaval, De chegar à morada  
eterna a tempo: Para sempre igual!” \*\*\* Dormir não  
traz alegria E a lembrança não termina; Minh’alma é  
dada à ruína, E suspira. Dormir não traz, não traz  
calma; As sombras dos que morreram Meus olhos  
não perceberam Na almofada. Dormir não traz  
esperança; Chegam no sono profundo E, em devaneio  
iracundo, Cravam minha desgraça. Dormir não traz  
robustez Ou poder para a bravura: Vago no mar, onda  
escura E escassez. Dormir não traz um amigo Que me  
acalme ou ajude: Zombar é sua atitude. Eu me aflijo.



Meu coração é um pássaro cantante  
Cujos ninhos são um rebento orvalhado;  
Meu coração é uma macieira  
Vergando o tronco de frutos pesado;  
Meu coração é um búzio irisado  
Vogando na corrente com langor;  
Meu coração mais que tudo se alegra  
Porque a meus braços chegou meu amor.  
Dai-me um dossel tingido de cor roxa;  
De seda debruada de mil folhos;  
Bordai nele romãs, pombos alados,  
Pavões com

caudas de mais de cem olhos; Ornai-o de uvas, de  
rubis e prata, Folhas douradas, pomares em flor;  
Porque hoje é dia que nasce m'nha vida, Hoje a meus  
braços chegou meu amor. \*\*\* My heart is like a  
singing bird Whose nest is in a water'd shoot; My  
heart is like an apple-tree Whose boughs are bent  
with thick-set fruit; My heart is like a rainbow shell  
That paddles in a halcyon sea; My heart is gladder  
than all these, Because my love is come to me. Raise  
me a daïs of silk and down; Hang it with vair and  
purple dyes; Carve it in doves and pomegranates, And  
peacocks with a hundred eyes; Work it in gold and  
silver grapes, In leaves and silver fleurs-de-lys;  
Because the birthday of my life Is come, my love is  
come to me.



SONETO X E porém, como é lindo o amor mais puro,  
Merecedor de nosso aceitamento. O fogo brilha,  
queima o acampamento E estende sua luz sobre o  
monturo: E o amor é fogo. Assim, quando eu te juro  
Amor eterno... Vê! — o agitação Que tenho em face  
a ti, alteamento E consciência desta luz que apuro,  
Vertida em teu rosto. Pois não há amor Banal quando  
ele ama banalmente, Nem maldade se ela ama ao  
Criador. E o que sinto, além do que há

interiormente No que sou, brilha e mostra seu fulgor  
De Amor que eleva o Mundo grandemente. SONETO  
XXI Dize uma vez, e tantas, tantas mais, Que tu me  
amas. E, embora o que me digas Lembre um “cuco”,  
ou que assim tu o consigas, Lembra, nunca às  
montanhas, matagais, Vales ou estepes, poderá, sem  
tais Sons, vir a Aurora e o que a ela se liga. Amado, eu,  
entre as trevas que me abrigam, Por uma voz dúbia e  
em dores duais, Grito: “Dize uma vez mais, — meu  
amado!” Pois quem teme as estrelas céu afora Ou as  
flores que florescem no gramado? Dize que me amas  
para sempre e agora, E me ames, meu amor, mesmo  
calado E pra si mesmo, com a alma toda. SONETO  
XXXIII Sim!, chama e deixa que eu ouça o apelido Com  
que eu, nas brincadeiras da infância, Deixava as flores  
com aquela ânsia De ver o rosto que me era querido  
P’lo brilho do olhar. Hoje está sumido O tom da voz  
amiga que, em substância, Se uniu ao Céu e a sua  
ressonância, Não me chamando mais. E enquanto  
ouvido For meu clamor, e a Deus ele se alçar, Tua voz  
seja a herdeira dos finados Que saiba o Sul co’o Norte  
florear, Amando agora amores já passados.

Sim, me chama — que irei para onde estás Levando o  
coração, jamais mudado. SONETO XLI Saúdo a quem  
me amou de coração, Com saudações de igual força.  
Agradeço A quem ouviu, do cárcere, o excesso Do que  
cantava, antes que a canção Fosse adiante e chegasse  
aos que estão Nas ruas, muito além do que professo.  
Mas tu, que, nesta voz que ergo e ensurdeço Quando  
choro, usa de teus Dons que são Instrumentos que a  
teus pés se prosternam, Que solvem o que digo em  
meio ao pranto..., Me ensina a agradecer-te! Ou que se  
abra O sentido da alma às horas eternas Pra que  
profiram e aclamem, portanto, O Amor que fica e a  
Vida que se acaba! SONETO LXIV Tu já me ofereceste  
tantas flores Roubadas do jardim, durante o estio E  
inverno, que aqui, no quarto arredo, Outras querem  
florir, co'outros ardores. Assim, em nome de nossos  
amores, Leva estes devaneios que reenvio Arrancados  
em dias quentes e frios De meu peito. E que grãos  
inferiores Germinem em teus jardins, e que esperem  
O amor em ti de novo florescer; E que, como a hera  
que te dou, operem Como aceitei as flores, sem  
enrudescer E sem esvanecer as cores,

se verem Que suas raízes em mim foram crescer.



1. “Disseste que disseram adeus aos bons amigos.” –  
Dante “Amor, com quanto esforço eu hoje venço!” –  
Petrarca Volta pra mim, que te guarda e te espera:—  
Ou não volta, pois ‘stá tudo acabado, E o tempo do  
retorno é demorado, Distante meu prazer de minha  
esfera. Tudo que faço faço enquanto a espera

Me faz pensar: “Quando tiver voltado...” Um só homem habita o mundo habitado De homens; somente ele me apodera. Esperar-te, posto que em se apartando Desponta a dor de te esperar, e a fé, Lua crescente ou lua minguante, é Como o dia divino em que nos vimos... Ah!, onde as canções que já cantei, quando Viver era bom, e nos convencíamos? 2. “Era chegada a hora que transforma o desejo.” – Dante “Recorro ao tempo em que te vi primeiro.” – Petrarca Queria relembrar aquela hora, Aquela dia e instante em que me viste, Se na estação alegre ou se na triste, Se no estio ou no inverno muito embora; Tão sem lembrança que se foi embora, Tão cego que já não vê o que existe, Tão tolo que não marca o que consiste A marca em mim que em mim já não aflora. Se apenas eu pudesse relembrá-lo Como um dia dos dias!, eu o permitiria Tão vago como o que se derretia... Isto expressava pouco, sem expressá-lo. Se o toque, se eu pudesse reinvocá-lo, O toque inicial — Quem saberia! 14. “E a Vossa Vontade é nossa paz.” – Dante “Só, com este pensamento, com outro cabelo.” – Petrarca Beleza e juventude, ambas perdidas, Se numa face assim já habitaram,

Pergunto-lhes: das graças, quais restaram? Não me cubro de rosas florescidas Para humilhar as faces constrangidas. Deixem rosas, a quem carrega espinhos: Não buscarei por flores não colhidas, Mas tão somente a flor em meu caminho. Beleza e juventude. O que restou? No peito, o saudosismo, a solidude, O silêncio que no silêncio amara; O silêncio de um peito que cantara No esplendor da beleza e juventude, Silêncio de um amor que se calou.